



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Ciência da Informação
Curso de Graduação em Biblioteconomia

O "SER" BIBLIOTECÁRIO: DOS PRIMÓRDIOS AO SÉCULO XXI

Carolina do Nascimento Tauily
Orientador: Prof. MSc.: Carlos Henrique Juvêncio

Brasília
2016

Carolina do Nascimento Tauily

O "SER" BIBLIOTECÁRIO: DOS PRIMÓRDIOS AO SÉCULO XXI

Monografia apresentada como parte das exigências para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia pela Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. MSc.: Carlos Henrique Juvêncio

Brasília

2016

TAUILY, Carolina do Nascimento.
O “ser” bibliotecário dos primórdios ao século XXI / Carolina do
Nascimento Tauly. – Brasília, 2016.

57 f.

Orientação: Prof. MSc. Carlos Henrique Juvêncio
Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade de
Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, Curso de
Biblioteconomia,
2016.

Inclui bibliografia

1. Bibliotecas da Antiguidade. 2. Bibliotecário.
Biblioteconomia.



Título: O “ser” bibliotecário: dos primórdios ao século XXI.

Aluna: Carolina do Nascimento Tauily.

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Brasília, 17 de agosto de 2016.

Carlos Henrique Juvêncio da Silva - Orientador
Professor da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Mestre em Ciência da Informação

Dulce Maria Baptista – Membro
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Doutora em Ciência da Informação

Rogério Henrique de Araújo Júnior – Membro
Professor da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Doutor em Ciência da Informação

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, por todo amor e dedicação dado a mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado à vida e sempre guiar o meu caminho.

Aos meus pais, por todo amor e dedicação concedido a mim, durante toda a minha vida, muito obrigada pelos ensinamentos, carinhos, e broncas, sem vocês eu não seria nada.

A minha irmã, pelos anos de amizade e discussões.

A minha avó, que mesmo de longe sempre me apoiou em todas as minhas escolhas.

Ao meu amor, pelo esforço, dedicação, e por nunca ter me deixado desistir, e simplesmente pelo fato de estar sempre ao meu lado.

Ao meu Orientador, pela ajuda, paciência, e contribuição para que este trabalho tomasse forma.

Aos meus amigos de curso, sem vocês a trajetória até aqui teria sido sem graça e mais difícil.

E a todos os professores que contribuíram para minha formação acadêmica.

*“A vocês eu deixo o sono
O sonho, não
Esse eu mesmo carrego”.*
Paulo Leminski

RESUMO

Apresenta a trajetória das bibliotecas da Antiguidade até a atualidade. Evidenciando cada momento da história das principais bibliotecas desse período. Aponta a evolução do bibliotecário, como guardião do saber até o disseminador da informação, demonstrando como e quando deixa de ser vocação para se tornar profissão. E como está o bibliotecário nos dias de hoje. Emprega metodologia de pesquisa bibliográfica, em obras de autores consagrados na área da Biblioteconomia, como Luís Milanesi, Wilson Martins e Oswaldo F. Almeida Júnior, e em artigos científicos publicados em revistas brasileiras de biblioteconomia. Conclui que o perfil e os métodos de trabalho do bibliotecário modificaram-se ao longo dos anos, devido a várias transformações ocorridas no período indicado, como por exemplo, a criação de novos instrumentos para a escrita, invenção da imprensa e o desenvolvimento tecnológico.

Palavras- chaves: Bibliotecas da Antiguidade. Bibliotecário. Biblioteconomia.

ABSTRACT

It presents the history of libraries of antiquity to the present. Showing every moment in the history of major libraries that period. Points out the evolution of the librarian, as guardian of knowledge to the disseminator of information , showing how and when it ceases to be a vocation to become professional . And how is the librarian today . Employs bibliographic research methodology in works of authors established in the field of librarianship , as Luis Milanesi , Wilson Martins and Oswaldo F. Almeida Júnior, and scientific articles published in Brazilian library journals . We conclude that the profile and the librarian 's working methods have changed over the years due to several changes occurred in the period , such as the creation of new tools for writing, printing press and technological development .

Keywords : Libraries of antiquity. Librarian. Librarianship

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Exemplo acervo das bibliotecas da Antiguidade 1	p.19
Figura 2	Exemplo acervo das bibliotecas da Antiguidade 2	p.19
Figura 3	Monges copistas 1	p.25
Figura 4	Monges copistas 2	p.25
Figura 5	Monges copistas 3	p.25
Figura 6	Monges copistas 4	p.25
Figura 7	Livros acorrentados 1	p.28
Figura 8	Livros acorrentados 2	p.28
Figura 9	Bibliotecária 1	p.41
Figura 10	Bibliotecária 2	p.41
Figura 11	Bibliotecária 3	p.42
Figura 12	Bibliotecária 4	p.42
Figura 13	Evolução do Bibliotecário	p.44

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Características da evolução do bibliotecário.

p.43

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CDD Classificação Decimal de Dewey

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA.....	14
2	OBJETIVOS.....	16
2.1	OBJETIVO GERAL.....	16
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	16
3	METODOLOGIA	17
4	REVISÃO DE LITERATURA	18
4.1	COMPREENDER O PAPEL DA BIBLIOTECA DA ANTIGUIDADE	18
4.2	BIBLIOTECÁRIO O QUE É ISSO ?	30
4.3	BIBLIOTECÁRIO/ PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO HOJE	44
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
	REFERÊNCIAS	53

1 INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA

O homem sempre se preocupou em registrar todo o conhecimento produzido pela sociedade. E esse registro surge em pequenos blocos de argila, perpassa pergaminhos e papiros, adota o papel e, culmina hoje com a não fisicalidade, o armazenamento de dados e plataformas digitais.

O bibliotecário é o profissional que organiza, trata e dissemina as informações, ou seja, é responsável por selecionar, analisar e sintetizar qualquer que seja a informação, não importando o suporte em que ela esteja. Mas, essas atividades foram se consagrando como principais do ofício deste profissional ao longo do tempo, pois na Antiguidade aqueles que tinham acesso à informação, guardavam todo o conhecimento que adquiriam apenas para si.

A profissão do bibliotecário é muito antiga. Antes mesmo deste termo ser escolhido para representar este trabalho, já existiam há muito tempo responsáveis por cuidar e zelar das informações e dos segredos que eram mantidos guardados e fora do alcance sociedade, e percebemos nitidamente esta função na obra de Umberto Eco, *O Nome da Rosa*. A história do livro se passa no período da Idade Média, onde uma série de assassinatos ocorre na abadia, e o frade franciscano Guilherme William de Baskerville resolve investigar o porquê destes crimes, descobrindo que estão ligados à existência de uma biblioteca secreta, que preserva obras pagãs, obras que não são aceitas pela Igreja, e que o próprio monge da abadia comete os crimes, para que ninguém tenha acesso às informações contidas nos livros. Diante disso, podemos perceber o quanto o conhecimento era privado.

Carvalho (1998 *apud* LIMA *et al.* 2007) discorre sobre o bibliotecário, classificando-o como o profissional da Ciência da Informação que desenvolve as seguintes atividades: administrativa (planejamento e organização para gerir um bom funcionamento); formação e manutenção do acervo (aquisição e doação de materiais bibliográficos); preparo técnico do acervo (representar e

descrever de forma temática o acervo que possui para facilitar sua utilização) e finalmente a atividade de referência.

O bibliotecário é o mediador no processo de busca e recuperação da informação, ou seja, faz a ligação entre essas duas etapas para que no final o usuário obtenha o que busca. A informação é o meio principal e fundamental para que o bibliotecário desenvolva suas atividades. Para Santos (2002) o conhecimento de seu fluxo, a percepção do ambiente informacional, a destreza no manuseio e no uso de recursos tecnológicos que favoreçam o acesso, o tratamento, a recuperação e o uso de informações facilitam a geração de novos conhecimentos.

Nos dias de hoje, o bibliotecário enquanto profissional da informação além de continuar exercendo as principais tarefas estabelecidas pela Biblioteconomia, como por exemplo, catalogar e indexar, deve ainda trabalhar com os diversos meios de suporte em que a informação se encontra, e também aprender a utilizar os vários meios tecnológicos que se apresentam no mercado global. Diante dessa mudança, o profissional da informação teve que desenvolver outras habilidades para adaptar-se ao novo cenário da profissão.

Portanto este estudo responderá a pergunta como se dá a importância do bibliotecário ao longo do tempo, desde seu papel como guardião da informação até o profissional da informação do século XXI. Evidenciando também o processo evolutivo das bibliotecas, tentando compreender o seu papel desde Antiguidade até o momento que ela se torna de caráter público, mostrando sua importância para o conhecimento humano.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

O principal objetivo da pesquisa é compreender as transformações da profissão de bibliotecário ao longo do tempo, desde guardião da informação até o profissional da informação.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Indicar pontos marcantes da evolução do profissional;
- Compreender as funções de um bibliotecário hoje.

3. METODOLOGIA

Na metodologia é especificado o tipo de estudo, e o instrumento de coleta de dados. O método adotado para a elaboração do presente estudo foi a pesquisa bibliográfica, a fim de identificar contribuições teóricas para o estudo. Segundo Gil (2004) “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de matérias já elaborado, constituído de livros e artigos científicos”. O mesmo autor afirma que “A pesquisa bibliográfica é indispensável nos estudos históricos”.

Este trabalho é uma pesquisa documental de carácter histórico, ou seja, pesquisou a evolução do bibliotecário ao longo do tempo. Foi baseada em uma revisão de literatura realizada em livros, artigos e teses na área de Biblioteconomia. Fontes físicas e digitais foram consultadas, e livros de autores consagrados da área como Luís Milanesi, Wilson Martins, Oswaldo Francisco de Almeida Júnior, Marta Lúcia Pomim Valentim foram de grande importância para a base teórica deste estudo.

Através desta revisão de literatura procurou demonstrar a linha do tempo do da profissão do bibliotecário.

4. REVISÃO DE LITERATURA

A pesquisa histórica baseou-se em revisão de literatura em que foram consultadas fontes físicas e digitais. Obras como a *Biblioteca* de Luis Milanesi, e *A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca*, de Wilson Martins, foram de suma importância para o desenvolvimento da pesquisa.

4.1 COMPREENDER O PAPEL DA BIBLIOTECA DA ANTIGUIDADE ATÉ OS DIAS DE HOJE

Christian Jacob (2008) define biblioteca como um “lugar de memória, espaço de conservação do patrimônio intelectual, literário e artístico, uma biblioteca é também o teatro de uma alquimia complexa em que, sob o efeito da leitura, da escrita e de sua interação, se liberam as forças, os movimentos do pensamento”.

A palavra “biblioteca” tem sua origem do grego *biblíon* (livro) e *teke* (caixa, depósito), portanto um depósito de livros (HOUAISS, 2001). Segundo Fonseca (1992, p. 59) a palavra vem do grego *bibliothēke*, onde *biblion* significa livro e *théke* denota “qualquer estrutura ou invólucro protetor como cofre, estojo, caixa, estante e edifício”. Isso nos mostra o elo estabelecido até hoje, com o livro, o portador de informação.

Segundo Milanesi (2002):

A biblioteca é a mais antiga e frequente instituição identificada com a cultura. Desde que o homem passou a registrar o conhecimento ela existiu, colecionando e ordenando tabuinhas de argila, papiros, pergaminhos e papéis impressos. Está presente na história e nas tradições.

Sabemos que as bibliotecas da Antiguidade, na verdade eram como um depósito de livros¹, a maioria os escondia e as informações que neles estavam escritas, privando a sociedade do conhecimento. Os materiais

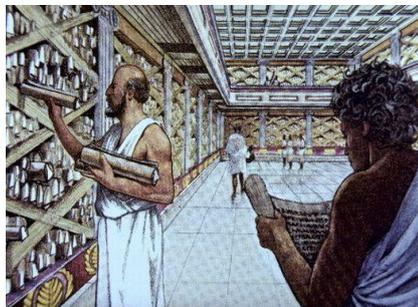
¹ Neste caso, referem-se a rolos de papiro, tábuas de argila e pergaminhos.

usados para a escrita eram o papiro e o pergaminho. Os rolos de papiro podiam chegar a até 18 metros, e o pergaminho era feito a partir da pele de animais como carneiros. Os acervos destas bibliotecas eram organizados em “armários, e esses armários eram numerados”. (Martins, 1957, p. 82). Os rolos eram guardados nestes armários, um em cima do outro.

Battles (2003), afirma que esse modo de organização, invés de ajudar na preservação, facilitava mais a destruição, devido ao fato das obras estarem sempre reunidas em grande número nos acervos. Ele diz ainda que é muito difícil saber quantas obras se perderam em incêndios ao longo do tempo devido à disposição delas nos acervos, pois, estavam sempre reunidas.

Abaixo algumas ilustrações de como seriam os acervos das bibliotecas da Antiguidade:

Figura 1 - Exemplo acervo das bibliotecas da Antiguidade 1



Fonte: <http://portaldobibliotecario.com> (2016)

Figura 2 – Exemplo acervo das bibliotecas da Antiguidade 2



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/> (2016)

Portanto as bibliotecas da Antiguidade surgem “[...] da necessidade do homem em reunir e conservar os conhecimentos de sua época, o que só é possível a partir da invenção da escrita” (SILVA, 2013, p. 2).

Logo, entendemos que as bibliotecas da Antiguidade eram apenas locais para se depositar os materiais produzidos pelos homens, e também não eram de caráter público, ou seja, o uso destes materiais era exclusivo para quem pertencesse a elite. Entre as mais importantes bibliotecas da Antiguidade estão as de Nínive, Pérgamo, e a de Alexandria, esta última sendo a mais famosa dentre todas elas.

Martins (1957) diz que as bibliotecas de Pérgamo e Alexandria foram:

[...] conservadoras de textos profanos e órgãos difusores do pensamento, sem que saibamos claramente se eram reservadas somente aos eruditos ou a um público mais largo. Eram em todo caso, instituições oficiais, e o seu orçamento dependia das finanças públicas ou da lista particular do soberano.

A biblioteca de Nínive pertencia ao Rei Assurbanípal II. Seus blocos de argila e escrita em caracteres cuneiformes² pertenciam a “obras religiosas e de magia, históricas e de astrologia, catálogos de plantas e de animais, mapas e estipulações de toda espécie” (MARTINS, 1957). Esta biblioteca pode ter sido a primeira, mesmo que de modo primitivo a ter uma coleção catalogada e indexada segundo afirma Souza (2005). Podemos afirmar isso, porque que as placas eram classificadas por assuntos e identificadas por marcas que determinavam sua localização dentro da coleção, e também, por causa de um catálogo onde eram registrados os assuntos das placas segundo Santos (2012 *apud* BATTLES, 2003).

Martins (1957, p. 74) discorre sobre a arquitetura da biblioteca de Nínive: “o depósito de livros não tem saída para o exterior – a sua única porta parece dar, ao contrario, para o interior do edifício, para o lugar onde viviam ou permaneciam os grandes sacerdotes”.

A biblioteca de Pérgamo da Antiguidade foi fundada por Átala, e seu filho Eumênio II continuou desenvolvendo-a mesma se localizava na Ásia Menor³. Alguns livros contam que devido à suspensão da exportação do papiro por Ptolomeu, o povo de Pérgamo teve que desenvolver um novo material para escrever, surgindo então o pergaminho, quer era extraído de peles de animais. (MARTINS, 1957). Este mesmo autor afirma que a biblioteca queria se igualar a biblioteca de Alexandria

² A escrita cuneiforme foi desenvolvida pelos sumérios, sendo a designação geral dada a certos tipos de escrita feitos com auxílio de objetos em formato de cunha.

³ Ásia Menor denota a protrusão ocidental da Ásia, que compõe a maior parte da República da Turquia.

Santos (2012 *apud* BATTLES, 2003) discorre sobre a biblioteca de Pérgamo:

[...] se a biblioteca não alcançou a reputação intelectual de Alexandria, teve uma grande importância histórica, sendo a responsável por inventar o pergaminho, que por ser reciclável e resistente, viria a ser o suporte preferido para a escrita durante os mil anos seguintes.

Entretanto a mais importante das bibliotecas da Antiguidade é a Biblioteca de Alexandria, que reuniu o maior acervo de ciência e cultura do período, ao longo de seis séculos.

A Biblioteca de Alexandria foi criada por volta de 280 a.C., sob o reinado de Ptolomeu I Sóter, influenciado por Demétrio de Falero, o filósofo que insistiu a Ptolomeu que tornasse a cidade de Alexandria uma rival cultural de Atenas.

Segundo Canfora (1996 *apud* MEY, 2004, p. 73), Demétrio mostrou ao Ptolomeu que ele só seria um bom governante se conhecesse os povos por ele governados e que conhecesse as obras sobre o “exercício do mundo”, o que levava a construção de um centro de estudo.

Ptolomeu construiu a biblioteca e ficou tão fascinado por livros, que varias vezes fazia uma vistoria pelas suas estantes. Demétrio sempre o atualizava sobre a quantidade de rolos existentes, mas Ptolomeu tinha um objetivo, queria “os livros de todos os povos da terra”. Então decidiu elaborar uma carta a todos os governantes, onde pedia para que enviassem todas as obras de todos os gêneros e autores (CANFORA, 1996).

Ptolomeu II Filadelfo sucessor de Ptolomeu I, segundo Flower (2002), era um apaixonado colecionador de livros, adquiriu todos os papiros e rolos que podia conseguir até mesmo bibliotecas inteiras. Inicialmente eram 200 rolos, mas depois chegou a ter mais de 700.000. Ao final de seu reinado, os rolos foram sendo levados da biblioteca para escritórios e armazéns reais por falta de espaço, tendo assim a decisão de construir outra biblioteca.

A segunda biblioteca foi concretizada por Ptolomeu III Evergeta, filho de Ptolomeu II, sendo que a biblioteca filha foi construída no interior do Templo de Serápis. Souza (2005 *apud* SANTOS, 2012), diz que obcecado em aumentar o acervo, Ptolomeu III ordenou que qualquer livro ou manuscrito vindo do exterior ou encontrado nos navios, deveria ser apreendido e levado á biblioteca. Após ser copiado, o original ficava na instituição, e a cópia era devolvida ao dono junto a um prêmio de 15 talentos⁴.

Segundo Canfora (1996, p. 28) o objetivo almejado pelos Ptolomeus e executado pelos seus bibliotecários não era apenas a aquisição dos livros do mundo inteiro, mas a tradução das obras para o grego.

Mey (2004) demonstra em uma lista feita por Fonseca (1992, p. 104) que os mais importantes bibliotecários de Alexandria foram: Zenótoto de Éfeso⁵, Apolônio de Rodes⁶, Erastotenes de Cirene⁷, Aristofones de Bizâncio⁸ Apolônio Eidógrafo⁹, Aristarco de Samotrácia¹⁰, e Calímaco de Cirene. (FONSECA, 1992, p. 104 *apud* MEY, 2004).

Battles (2003, p. 68) discorre sobre como era a estrutura física da biblioteca:

[...] as estantes no interior do edifício eram circundadas por colunatas abertas expostas a brisa, formando corredores cobertos que os estudiosos podiam utilizar para estudos ou discussão [...].

⁴ Moeda na Antiguidade.

⁵ Zenótoto foi um filólogo e gramático da Grécia Antiga. Nascido em Éfeso, na Ásia Menor, foi estudante de Filetas de Cós e professor do rei Ptolomeu II Filadelfo.

⁶ Apolônio de Rodes foi um poeta da Grécia Antiga, autor da obra épica Os Argonautas, que foi primeiramente reconhecido e aclamado em Rodes. Ele dirigiu a Biblioteca de Alexandria.

⁷ Erastotenes de Cirene foi um matemático, gramático, poeta, geógrafo, bibliotecário e astrônomo da Grécia Antiga, conhecido por calcular a circunferência da Terra.

⁸ Aristofanes de Bizâncio foi um lexicógrafo, gramático, humanista, filólogo e crítico grego.

⁹ Apolônio Eidógrafo, também chamado Apolônio de Alexandria foi um gramático grego antigo. Foi o quinto bibliotecário da Biblioteca de Alexandria.

¹⁰ Aristarco da Samotrácia foi um gramático e filólogo da Grécia Antiga, pertencente à escola alexandrina que censurou severamente a poética de Homero insistindo no caráter espúrio de muitos de seus versos.

Sobre a organização do acervo da biblioteca de Alexandria: “os rolos tinham etiquetas presas aos *Umbilici*¹¹ com os nomes dos autores e com os títulos das obras” (SANTOS, 2012, p. 181).

Há várias teorias sobre a destruição da biblioteca, sendo que a primeira delas aborda o incêndio ocasionado por Júlio César, que por amor a Cleópatra, lutou contra o irmão dela Ptolomeu XIII, pelo reinado do Egito. Para vencer a batalha, Júlio César mandou incendiar os barcos que estavam no porto. O incêndio se espalhou, e queimou dezenas de milhares de livros da Biblioteca. (MEY, 2004).

O segundo incêndio ocorreu em 391 d.C., em que sendo Teodósio o imperador, teria destruído todas as obras pagãs em defesa do cristianismo. Já o terceiro incêndio teria sido ocasionado por Amrlnal-As, que perguntou a Amrlbn al-Khattab o que deveria fazer com os livros da biblioteca. O califa respondeu que: “Se o que estiver escrito nos livros concordar com a palavra de Deus [Alá], não são necessários; se discordar, não são desejáveis. Então, os destrua.” (MAY, 2004 *apud* AMAN, 2001).

Martins (1957) afirma que as bibliotecas medievais são uma continuação das bibliotecas antigas, tanto na composição, organização, natureza e no funcionamento, portanto não são dois tipos de bibliotecas, mas um mesmo tipo, ou seja, ele quis dizer que não houve mudança no caráter das bibliotecas, pois, elas ainda não disseminavam a informação, portanto, o que houve foi uma mudança na ordem social, e nos materiais usados para a escrita. As bibliotecas passam a ter uma ordem sagrada, com a ascensão do Cristianismo.

Como afirma Martins (1957 p.72):

Nesse particular, as sandálias macias dos monges medieval, repetiam, no eco das abóbadas, o mesmo som ancestral dos sacerdotes sumerianos da biblioteca de Assurbanipal. Até a Renascença, as bibliotecas não estão à disposição dos profanos: [...] O livro, a palavra escrita, eram o mistério, o elemento carregado de poderes maléficos para os não-iniciados: cumpria manuseá-los com os conhecimentos exorcismatórios indispensáveis [sic].

¹¹ Cilindro em torno do qual o papiro é enrolado.

A Idade Média trouxe para as bibliotecas o aspecto religioso, mas a sua natureza e características de guardiã do conhecimento não se alteraram. Nesse período existiram três tipos de bibliotecas: monacais, universitárias e as particulares. (MARTINS, 1957).

Essas bibliotecas monacais continuavam com caráter de guardiã do conhecimento, seus frequentadores eram monges e religiosos, sendo estes os únicos que tinham o acesso à biblioteca, e a habilidade de ler e escrever. Essas bibliotecas pertenciam a um corpo religioso, como mosteiros e conventos. Segundo Martins (1957), os armários dessas bibliotecas eram embutidos em enormes paredes, e que diversas estantes de leituras ali estavam para que houvesse o manuseio dos grossos *in-fólios*¹² medievais, até mesmo portáteis, nas quais se acorrentavam os livros. Fonseca (1979) destaca que as obras pertencentes aos acervos medievais eram textos litúrgicos e teológicos, obras didáticas e algumas obras clássicas.

Maroto (2009, p. 38) salienta que:

A formação de pequenas bibliotecas nos mosteiros salvaguardaram para o mundo moderno grande parte das obras da Antiguidade Clássica. A contribuição da igreja foi fundamental na preservação e difusão desses manuscritos, pois, além da reprodução dos de cunho religioso, os monges também se interessavam pelos textos profanos.

Em todas as bibliotecas dos mosteiros, existia um *Scriptorium*, que era o local onde os monges copistas trabalhavam fazendo produções e reproduções de manuscritos.

As imagens abaixo exemplificam o trabalho dos monges:

¹² Livro feito de folhas dobradas uma vez no meio, originando cada folha 4 (quatro) páginas.

Figura 3 – Monges copistas 1



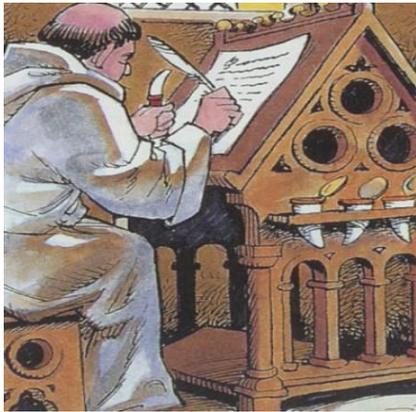
Fonte: <http://idademedia.wikifoundry.com/> (2016)

Figura 4 – Monges copistas 2



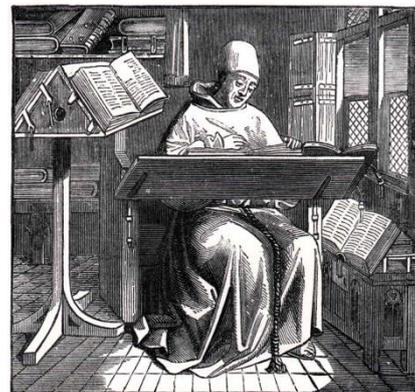
Fonte: <http://brasilecola.uol.com.br/> (2016)

Figura 5 – Monges Copistas 3



Fonte: <http://icmontteiro.webnode.com.br/> (2016)

Figura 6 – Monges copistas 4



SCRIPTORIUM MONK AT WORK. (From *Lacritz*.)

Fonte: <http://netogeraldes.blogspot.com.br/> (2016)

Um exemplo de como esses livros era guardado a sete chaves e como funcionavam as bibliotecas medievais, e contado no livro *O Nome da Rosa* de Umberto Eco.

A biblioteca de *O Nome da Rosa*:

[...] tinha mais livros que qualquer outra biblioteca cristã do Oriente ou do Ocidente, o que a tornava objeto de desejo e admiração por parte de outras abadias. O *scriptorium*, como centro de cópias, de miniaturização e de ilustração, abrigava uma equipe de especialistas no tratamento e concepção de livros. Dirigidos pelo bibliotecário, esses profissionais executavam seu trabalho do nascer ao pôr-do-sol, seguindo férreas regras. O bibliotecário – e tão somente ele – detinha o conhecimento total das obras guardadas nas salas e armários. (ECO, 1980).

Segundo Silveira (2008), o livro citado acima, retrata a longa disputa entre o poder que se instaurou entre os que produziam, organizava e controlava a circulação dos saberes humanos, ou seja, os guardiões da memória e os homens que infringiam as regras em busca dos textos que eram considerados impuros e impróprios.

Durante a Idade Média havia poucos livros, eram objetos escassos e, portanto, somente os monges designados como bibliotecários circulavam entre os labirintos e os mistérios de uma biblioteca. Apenas os bibliotecários decidiam como e se outros monges poderiam ter acesso às obras do acervo. Nesta época os livros tinham caráter sagrado e muitas obras eram consideradas pagãs, ou apresentavam ideias contrárias as da ordem religiosa eram queimadas. (LOUREIRO; JANNUZZI, 2005).

O pergaminho que na maioria das vezes era produzido nos mosteiros foi o suporte mais utilizado desta época para desenvolver a escrita, mesmo sua produção sendo cara. Como apresentado anteriormente o pergaminho era feito a partir de peles de animais. Primeiramente eles tinham o formato igual ao dos papiros, “posteriormente, o rolo deu lugar a folhas presas por costura e encadernadas, formando o códice¹³”, já apresentando o formato de livro (MILANESI, 2002). Martins (1957, p. 63) diz que os mosteiros eram “grandes usinas em que se confeccionava o livro”.

Bibliotecas particulares também surgiram no período medieval, e apenas como destaca Maroto (2009) “os reis, literatos, eruditos e personalidades da alta sociedade” eram os que possuíam estas bibliotecas. Essas bibliotecas faziam parte do conceito que apenas os de maior poder tinham acesso à informação.

Compreendendo o papel das bibliotecas medievais, vemos que o cunho religioso dominava estas instituições, e que o conhecimento era para poucos. Mas podemos destacar algumas melhorias que fazem deste período muito importante para a história da escrita e do conhecimento da humanidade. Uma dessas melhorias foi a evolução dos materiais que se

¹³ Nome dado aos manuscritos cujas folhas eram unidas entre si pelo dorso e recobertas de uma capa.

usavam para registrar os textos, o papiro caiu em desuso e a invenção do pergaminho, e logo depois, a do códice, que se assemelhava ao livro de hoje, foi de grande importância para um maior desenvolvimento de novas produções. Diante disso, a partir do século IV as bibliotecas monásticas se multiplicaram, difundindo o cristianismo e a cultura clássica pela Europa e o mundo ocidental.

A criação das universidades certamente foi de fato o maior acontecimento dessa época. Martins (1957, p. 91) diz que esse episódio “decide os destinos de toda a civilização, e por consequência, dos destinos do livro”.

Devido ao surgimento das universidades, ter acesso ao conhecimento começa a ser prioridade, ser fundamental para o desenvolvimento intelectual. (VIANNA, 2013 *apud* SILVEIRA, 2014). As primeiras universidades seriam:

O berço da cultura dos novos tempos encontra-se, como sempre, nas cidades. É nelas que surgiram as instituições, que em alguns casos, preservaram suas origens medievais até hoje: as universidades. [...] Nelas, aprendiam-se as sete artes liberais: o trivium (gramática, lógica e retórica) e o quadrivium (geometria, astronomia, aritmética e música). Além das especialidades: direito, medicina, teologia e filosofia. (ANZOLIN; CORRÊA, 2008, p. 805).

As bibliotecas universitárias surgiram na Idade Média, pouco antes do Renascimento. Essas instituições ainda eram ligadas a ordens religiosas, mas já começavam a ampliar o conteúdo temático além da religiosidade, e quem as frequentavam eram apenas aqueles que tinham maior capital, ou seja, pessoas com condições de pagar pelos estudos.

Segundo Carvalho (2004), os acervos de grande maioria das bibliotecas universitárias foram formados devido às doações de reis, autoridades religiosas, e até mesmo pelos próprios alunos das universidades.

As bibliotecas universitárias eram lugares silenciosos, isolados, sagrados e inacessíveis a alguns, como define Maroto (2009). Os livros

destas bibliotecas, “ficavam presos por correntes às[sic] estantes, de maneira que pudessem ser levados às mesas de leitura” (MILANESI, 2002), mas isso dependia da importância desses livros. Devido ao valor das obras, havia um alto índice de roubo, como foi descrito à cima, os livros mais consultados ficavam presos, para evitar o furto.

As figuras a seguir mostram como esses livros ficavam acorrentados e dispostos em armários:

Figura 7- Livros acorrentados 1

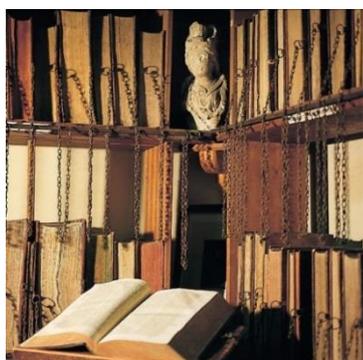
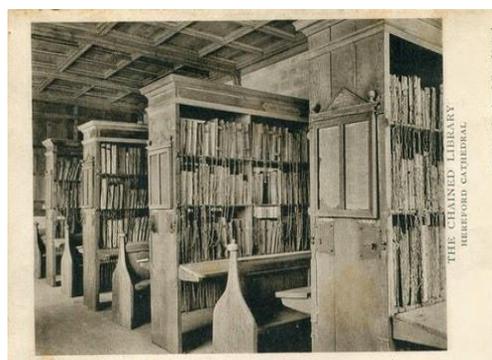


Figura 8 - Livros acorrentados 2



Fonte: <http://umabibliotecaemconstrucao.blogspot.com.br/> (2016)

Como essas bibliotecas tinham natureza religiosa, tudo era baseado nessa característica. “O ato de ler revestia-se de tal importância que não se entrava no recinto da leitura sem que os leitores usassem beca.” (MILANESI, 2002).

Uma das Bibliotecas Universitárias mais importantes e pioneiras foi a Universidade de Sorbonne de Paris. No seu interior:

[...] ao longo das paredes, as prateleiras com os livros, que se consultavam em estantes alinhadas no meio da sala. Estas últimas, em número de vinte e oito, acompanhavam-se de cadeiras, assinaladas com as letras do alfabeto. Os livros, na maior parte, têm uma corrente fixada na encadernação, suficientemente longa, entretanto, para permitir o seu transporte. À grande sala de consulta, sucede uma outra mais modesta, que serve de depósito. [...] Sim, trata-se de um lugar sagrado e augusto, no qual só se entra de beca e boné. (MARTINS, 1957, p. 92 *apud* BONNEROT, 1927).

As Bibliotecas Universitárias nesta época eram as que mais se aproximam do conceito atual de biblioteca. Segundo Milanesi (2002, p. 24) estas instituições “pré-renascentistas já apontavam para novas práticas que deram para a biblioteca o carácter de espaço de liberdade e de conhecimento”.

Alguns problemas se instauram devido ao grande progresso das bibliotecas universitárias: a) a necessidade de livros para milhares de estudantes: o processo de cópia manuscrita de obras, por ser muito lento, não podia dar conta da demanda; b) o acesso aos materiais: tanto nas instituições monásticas, como nas acadêmicas, o acervo era dividido em duas partes - os livros mais consultados eram acorrentados na biblioteca principal, e os disponíveis para empréstimo eram guardados numa sala separada (McGARRY, 1999 *apud* LOUREIRO; JANUZZI, 2005).

Ainda com aspecto sagrado, a Biblioteca Universitária começou a sofrer os reflexos das mudanças que estavam sendo geradas pelo Renascimento. A ciência começa a se desenvolver, e a contestar alguns dogmas da Igreja Católica, com isso as bibliotecas universitárias começam a ter mais autonomia, popularizando a informação para as bibliotecas posteriores a ela.

O papel surge como novo suporte para a escrita. Ele passa a ser utilizado por ser bem mais barato do que pergaminho, e isso faz com que tenha um aumento na produção e cópia de textos. “A imprensa de Gutemberg surgiu, então, para incrementar o barateamento da produção de livros e a disseminação do conhecimento.” (MILANESI, 2002).

Burke (2003) afirma que apenas com a invenção do papel, imprensa e o fim da Idade Média, e que as bibliotecas passam a se tornar locais públicos, de fácil acesso, e passam a disseminar o conhecimento.

Portanto, é no Renascimento, durante o século XVI, que as bibliotecas começam a não ser mais um depósito de livros trancados e acorrentados, nem como um lugar sagrado e só para o uso da elite, ela de fato assume o

seu novo papel de disseminadora do conhecimento, ela passa a ter caráter público, dando acesso à informação ao mais variado público.

Organismo antes reservado a uns poucos, que deviam procurá-la e solicitar-lhe os favores, a biblioteca moderna não apenas abriu largamente as portas, mas ainda sai à procura de leitores; não apenas quer servir ao individuo isolado, proporcionando-lhe a leitura, o instrumento, a informação de que necessita, mas ainda deseja satisfazer às necessidades do grupo, assumindo voluntariamente o papel de um órgão sobrecarregado, dinâmico e multiforme da coletividade. (MARTINS, 2002).

As bibliotecas públicas não foram influenciadas apenas pela invenção da imprensa, mas também por causa do desenvolvimento das indústrias que por consequência gerou a Revolução Industrial, ou seja, surge à necessidade de capacitar os trabalhadores para manusear as máquinas, para isso, eram necessárias habilidades e a pratica de leitura. (ARRUDA, 2009). Pois durante a Revolução Industrial ser alfabetizado passou a ser uma exigência nos currículos, pois através do domínio da leitura, os funcionários além de serem capacitados a manusear as máquinas, atingiam também a ascensão social como relata José Teixeira Oliveira (1993).

Segundo Arruda (2009) a Revolução Francesa também influenciou a criação das bibliotecas publicas, pois através dela o ensino passou-se a ser obrigatório e gratuito.

Sendo assim, temos o nascimento destas instituições com caráter público, onde de fato aparece o bibliotecário como profissional, ou seja, aquele que organiza a informação, consolidando o seu papel como disseminador do conhecimento.

4.2 BIBLIOTECÁRIO O QUE É ISSO?

Segundo o dicionário Pliberam (2016), a palavra bibliotecário quer dizer: conservador, administrador ou funcionário de uma biblioteca. Já ao pesquisar no site Wikipédia, para ter uma visão mais comum sobre o termo, definiu como:

Bibliotecário é um profissional liberal (bacharel, mestre ou doutor) que trata a informação e a torna acessível ao usuário final, independente do suporte informacional. O bibliotecário tem a responsabilidade de identificar a demanda de informação em diferentes contextos e levando em consideração a diversidade do público. Ele trabalha em bibliotecas, centros de documentação, empresas, escritórios jurídicos (organizando acervo e trabalhando na pesquisa sobre jurisprudência) e pode gerir redes e sistemas de informação, além de gerir recursos informacionais e trabalhar com tecnologia de ponta. (WIKIPEDIA, [2016?]).

Olhando para essas duas definições podemos perceber diferenças entre elas. A definição do dicionário Pliberam nos mostra um perfil do bibliotecário onde o foco deste profissional é a biblioteca, apenas aquele que conserva os livros, os administram, onde até mesmo um funcionário é considerado um bibliotecário. Almeida Jr. (2000, p.31) já dizia “que o bibliotecário é visto pela sociedade como aquele que trabalha na biblioteca, independente de ter ou não uma formação específica”.

Contudo, a definição da Wikipédia nos mostra uma informação mais completa sobre o profissional, seu público, sua atuação, e suas diversas áreas de trabalho. Essa descrição nos leva a um bibliotecário mais moderno, que hoje é chamado de profissional da informação. Alguns autores preferem não usar este termo, porque remete a qualquer profissional que atua com a informação, mas isso será discutido no próximo capítulo.

Hoje sabemos a importância que o bibliotecário tem no ciclo informacional e do seu papel na sociedade, mas quando exatamente esse profissional começou a ter esse destaque? E quando este ofício começou a ser profissão? Essas perguntas nos levam a fazer uma trajetória na história do bibliotecário, tentando entender como começa o desejo de guardar e preservar o conhecimento.

O homem sempre quis registrar o seu conhecimento e experiências. Na Idade Pré-Histórica temos as primeiras manifestações desses registros, os desenhos que eram pintados nas paredes das cavernas, sendo que essas imagens representavam atividades do seu dia a dia. Com estes

registros, surge o documento¹⁴, e a partir deste, outros documentos são criados, e mais outros, e mais outros e começa a surgir à necessidade de se organizar e guardar de uma maneira adequada essas matérias, precisando de uma pessoa que fizesse este papel. (LOUREIRO; JANNUZZI, 2005).

Diante disso manifesta-se a necessidade de armazenar e colocar em ordem todos esses registros feitos pelo homem. Segundo Milanesi (2002, p.16):

Num determinado período de tempo deu-se o nome “bibliotecário” a essa figura humana encarregada de facilitar a vida de todos que procuravam em bibliotecas determinado livro. Essa habilidade estava respaldada não apenas no conhecimento da coleção, mas no domínio de normas e procedimentos que permitiam a obtenção do “endereço” correto.

Não se sabe ao certo, quando esse desejo de organizar estes registros começou, mas o homem passou a ter essa necessidade de armazenar e colecionar o conhecimento, e começou a fazer esta tarefa, mesmo que de modo primitivo.

Milanesi (2002), nos mostra que estes registros permitiram que a “memória da humanidade” não fosse perdida, e que sob os certos cuidados de um profissional, eles estariam sempre organizados e fáceis de serem localizados. Este autor discorre ainda que:

[...] Essa atividade de buscar-o-que-foi-guardado e de guardar-o-que-foi-registrado (e de registrar-o-que-foi-imaginado) é a forma possível para manter viva a memória da humanidade, forma essa em constante aperfeiçoamento (MILANESI, 2002, p.9).

A atividade do bibliotecário vem antes mesmo deste termo surgir, podemos citar como exemplo, os pensadores e estudiosos da Antiguidade, que faziam este papel, mas de um modo diferente do praticado hoje. Os bibliotecários da Antiguidade eram como guardiões, protegiam os seus tabletes de argila, rolos de papiro, pergaminhos de qualquer um que não se

¹⁴ Documento na visão de LOUREIRO e JANNUZZI.

encaixasse nos padrões que eram impostos, ou seja, tinha a função de salvaguarda, um papel humanista e erudito. Sendo assim:

As atribuições do bibliotecário-chefe transcendiam as funções habituais, pois eles eram também humanistas e filólogos, encarregados de reorganizar as obras dos autores. Além disso, eram encarregados também da tutoria dos príncipes reais, a quem deveriam orientar nas leituras e no gosto (BARATIN; JACOB, 2000 *apud* SANTOS, 2012, p.182).

Na Biblioteca de Alexandria, alguns pensadores realizavam a função de bibliotecário. Estes eram escolhidos pelos reis, e além de realizar funções tradicionais como manter as coleções completas e restaurar obras defeituosas, também orientavam os príncipes reais nas leituras que deveriam fazer. (RODRIGUES *et al.* 2013)

Como explicado anteriormente, as obras que pertenciam às bibliotecas da Antiguidade eram feitas de papiro, formando vários rolos, e isso muitas vezes acabava gerando algumas dificuldades no momento de consultá-lo. Portanto essas obras maiores eram resumidas por profissionais, eles resumiam o conteúdo dos rolos, e ainda anotavam em pequenas etiquetas de pergaminho e as colavam nos rolos, facilitando a identificação desses rolos nas prateleiras da biblioteca. (SMIT, 1996 *apud* LOUREIRO; JANNUZZI, 2005).

Na biblioteca de Alexandria, alguns dos intelectuais que ali passavam grande parte de suas vidas, acabaram se tornando “bibliotecários-chefes”, cuidando e preservando os diversos rolos de papiro. Dentre todos, destaco dois de suma importância para a história da biblioteca e da Biblioteconomia, Calímaco que foi o mais importante bibliotecário da biblioteca e Hipácia que foi a última grande cientista de Alexandria.

Fonseca (1992) diz que “Calímaco de Cirene, era um dos mais representativos poetas da erudita e sofisticada escola de Alexandria”, e também foi dele o grande feito de organizar o primeiro catálogo da biblioteca. Pfeiffer (1949), diz que Calímaco passou seus últimos vinte anos trabalhando para os reis Ptolomeu II Filadelfo e Ptolomeu III Evérgeta.

Tornou-se diretor da Biblioteca de Alexandria, e criou um catálogo das obras que existiam na biblioteca, chamado de *Pinakes*, com autores por ordem alfabética e uma breve biografia deles. Calímaco foi considerado por muitos estudiosos como o primeiro a ocupar o cargo de bibliotecário.

Sobre Hipácia, Dzielska (2009), diz que ela foi uma mulher de capacidades fenomenais, mas temos poucas menções sobre ela. Estudou matemática, filosofia, lógica, religiões, poesia, artes, oratória e retórica, se tornando uma referência muito conhecida e respeitada na história da matemática, por ter tido uma reputação acadêmica reconhecida entre muitos dos sábios que eram seus contemporâneos, com quem mantinha contato intenso e a quem ajuda a solucionar problemas matemáticos que eram verdadeiros enigmas para eles. Aos 30 anos se tornou diretora da Academia de Alexandria, mas foi brutalmente assassinada por religiosos cristãos da época.

Portanto Milanese (2002, p.16) define que:

Durante séculos pelo menos da Antiguidade ao início do Renascimento, a figura do bibliotecário menos se caracterizou como um organizador que existia para facilitar as incursões dos curiosos pelo universo do conhecimento, e mais se firmou como um devotado e estranho guardião do saber [...]. (MILANESI, 2002).

Durante a Idade Média, quem desempenhava o papel de bibliotecário eram os monges, que eram verdadeiros guardiões da informação, eles que zelavam das bibliotecas que existiam nos mosteiros e conventos. Os livros eram objetos raros nesta época, e os monges eram os únicos que caminhavam livremente pelas estantes das bibliotecas dos mosteiros.

Sabemos que nesta época tudo se baseava na religião, e que nos mosteiros e conventos os monges produziam e copiavam os textos, estas eram as atividades da maioria destes monges. Loureiro e Jannuzzi (2005) citando Smit (1996) mostram que estes monges copistas tiveram a ideia de após copiar os manuscritos, colocar na margem do pergaminho uma

informação que resumisse o conteúdo da obra, esta iniciativa deu início a marginalia¹⁵.

No livro de Umberto Eco, *O Nome da Rosa* mostra a figura do bibliotecário secreto, onde apenas ele tinha a chave para os mistérios que se encontravam na biblioteca. Portanto:

Somente o bibliotecário recebeu o segredo do bibliotecário que o precedeu, e o comunica, ainda em vida, ao ajudante-bibliotecário, de modo que a morte não o surpreenda, privando a comunidade de este saber. E os lábios de ambos estão selados pelo segredo. Somente o bibliotecário, além de saber, tem o direito de mover-se no labirinto dos livros, somente ele sabe onde encontrá-los e onde guardá-los, somente ele é responsável pela sua conservação. (ECO, 1983, p.53-54).

Diante disso podemos dizer que o bibliotecário durante anos:

[...] foi o atento zelador das coleções de livros das quais conhecia todos os mistérios. Esse profissional carregou o estigma, que está em seu nome, de organizador de volumes nas estantes e administrador de empréstimos ou consultas. Tinha ele a chave da porta que abria a poucos o conhecimento. (MILANESI, 2002, p. 11).

Com a criação das bibliotecas universitárias no final da Idade Média, mesmo que ainda sob a guarda dos religiosos, os usuários passam a ansiar por mais organização e a disponibilidade dos conhecimentos registrados que estavam presente nos acervos.

Martins (1957) diz que só a partir do Renascimento que o bibliotecário começa a se destacar como profissão, pois antes ele era um mero guardião dos livros. Segundo Santos (2012, p. 186) é apenas no Renascimento que “o bibliotecário assume de fato, a posição de agente central da sustentação das bibliotecas”.

No século XV, com a invenção da imprensa por Gutenberg (1397-1468), a produção de livros fica mais barata, o que acaba gerando um

¹⁵ É o termo geral que designa as notas, escritos e comentários pessoais ou editoriais feitos na margem de um livro.

aumento nas publicações. E neste momento que o papel passa a ter grande importância na história do conhecimento. (LOUREIRO; JANNUZZI, 2005) (MILANESI, 2002).

Ortega y Gasset (2006) demonstra que o bibliotecário só é reconhecido como profissão após a vigência social do livro.

A necessidade do livro assume nessa época o aspecto de fé no livro. A revelação, o que foi dito por Deus e por Ele ditado ao homem, diminui de eficácia e se começa a esperar tudo aquilo que o homem pensa somente com sua razão, portanto, daquilo que o homem escreve. (ORTEGA Y GASSET, 2006, p. 20).

Agora a disseminação do conhecimento acontece de uma forma incontrolável, e com isso a população passa a ter acesso ao que antes era restrito. “Surgiram muito mais autores porque crescia o número de leitores face à maior acessibilidade ao livro.” (MILANESI, 2002, p. 25). Com isso os livros agora não pertenciam somente aos mosteiros, religiosos ou as cortes, agora todos aqueles que pudessem pagar pelo livro, poderia ter acesso à informação.

O domínio do conhecimento passou dos mosteiros para a população, “Em outras palavras, o barateamento e a difusão do livro quebraram o monopólio do conhecimento que poucos na sociedade tinham”, como afirma Milanesi (2002, p. 26). Portanto:

Em menos de duzentos anos passou-se da escassez ao excesso. Talvez nesse período de “explosão informacional” tenha se fixado a figura do bibliotecário: aquele que, de alguma forma, domava os acervos cada vez maiores. (MILANESI, 2002).

Com o aumento desgovernado de publicações, as “pequenas salas com livros acorrentados e com ar de capela” segundo Milanesi (2002), não conseguem comportar os diversos novos livros, o que acaba levando a criação de novas bibliotecas.

O crescente número de impressos levou a exigir dos bibliotecários que se buscassem novos métodos para manter a ordem nas bibliotecas, e fugir do caos que se encontravam. (MILANESI, 2002). Diante dessa carência de meios de organização, alguns bibliotecários passaram a criar alguns métodos.

Já no século XVI, surgem os primeiros códigos de catalogação, que foram desenvolvidos por Florian Trefler e Andrew Maunsell. Trefler era um monge beneditino, e publicou um tratado sobre como manter uma biblioteca, desenvolvendo também um sistema de classificação. Já Maunsell que era um livreiro, reuniu um catálogo dos livros ingleses impressos, indicando no prefácio, as regras para o registro das obras. (LOUREIRO; JANNUZZI, 2005 *apud* MEY, 1995).

Outro que podemos destacar por tentar criar novos métodos para as bibliotecas foi Gabriel Naudé (1600-1653)¹⁶, primeiro teórico da moderna organização de bibliotecas. Fonseca (1979) salienta a obra de Naudé, *Advis pour dresser une bibliothèque*, que foi publicada em 1627, como primeiro livro de biblioteconomia, este foi traduzido a vários idiomas. (LOUREIRO; JANNUZZI, 2005, p. 129). Segundo Amorim (2010) Gabriel Naudé foi bibliotecário de vários Cardeais, no século XVII, e é “considerado personagem fundamental na evolução da Biblioteconomia”.

Martins (1957) traça dois perfis de bibliotecário, o primeiro da Renascença até o século XIX e o outro após este século. Segundo ele o primeiro bibliotecário é um:

[...] profissional contratado por instituições particulares, sem formação especializada, quase sempre um erudito ou um escritor a quem se oferecia essa oportunidade de realizar em paz a sua obra, livre de preocupações materiais [...].

Já o segundo perfil de bibliotecário que se encontra após o século XIX, é um bibliotecário que representa uma “profissão socialmente

¹⁶ Bibliotecário parisiense da Idade Moderna, época da ciência experimental, baseada em dados empíricos, nas observações e nas explicações racionais por meio de leis naturais.

indispensável”, diante do Estado. No início este bibliotecário ainda não tem uma formação, mas “por força da própria especialização”, logo começa a necessidade de uma formação acadêmica. (MARTINS, 1957, p. 374).

A formação do bibliotecário teve duas linhas principais: uma linha humanista proposta pela *École Nationale des Chartes*, fundada em Paris, em 1821, esta com caráter erudito, e a outra com enfoque tecnicista, surgiu em 1887, nos Estados Unidos, com a *School of Library Economy*, fundada por Melvil Dewey na *Columbia University* em Nova York (BOTTENTUIT; CASTRO, 2000 *apud* LOUREIRO; JANNUZZI, 2005). Segundo Martins (1957) a “*École des Chartes*” focava mais no ensino da cultura em geral, já a escola americana ensinava mais sobre as técnicas.

Vemos então surgir dois modelos diferentes de ensino e formação em Biblioteconomia, um com cunho erudito, e o outro mais tecnicista, as duas escolas surgem no século XIX. Portanto podemos afirmar que essas universidades surgiram pelo fato de se querer aprender e aperfeiçoar os métodos já existentes, e conseqüentemente desenvolver outros métodos.

Ainda no século XIX, ocorre à criação da Classificação Decimal de Dewey (CDD), criada por Melvil Dewey, um bibliotecário norte-americano, em 1876. Esse sistema de classificação decimal foi desenvolvido para catalogar livros e documentos. (NOVA..., 1999 *apud* LOUREIRO; JANNUZZI, 2005). Este sistema estava no currículo de formação do bibliotecário da universidade americana, e passou a ser adotado na maioria das bibliotecas sendo utilizado até hoje.

Para ser um bibliotecário nesse período, eram necessárias algumas características, como o prazer da leitura e o cuidado com os livros, ter o dom da organização, conhecer alguns idiomas como o latim e o grego e entender os processos de produção da escrita. Estes eram alguns dos atributos exigidos pela *École des Chartes*, uma escola francesa que dava cursos para formação de bibliotecários. (SILVEIRA, 2008).

Deste modo, vemos que a figura do bibliotecário, se associou com aquele que é responsável pela organização e salvaguarda de toda produção

de materiais existentes ao longo da evolução. Diante deste quadro de formação erudita e humanística “as atividades dos bibliotecários estavam voltadas, dentro dessa visão, para a cultura, para a educação, para o saber, para o conhecimento e têm características que permitiram incluí-los como segmentos direcionados para atender necessidades no âmbito do “espírito” do homem”. (ALMEIDA JÚNIOR, 2000, p. 45).

Diante de todos os momentos apresentados acima, podemos afirmar que da Antiguidade até século XIX, o ofício deste bibliotecário foi de proteger os livros do tempo, e privar a sociedade dos mistérios do conhecimento.

Nascimento (2009) afirma que o desenvolvimento tecnológico causado pela Revolução Industrial na metade do século XIX, gerou um crescimento na produção de livros, periódicos e outras publicações. A partir disso, vemos que a profissão do bibliotecário emergir no século XIX, surgindo para facilitar o acesso aos vários novos modelos de informação. Abaixo alguns fatores que podem justificar essa mudança:

a) aumento considerável da produção bibliográfica do mundo, tornando mais complexa a seleção e aquisição de livros, a organização e manuseio do material; b) o desenvolvimento de novas áreas do conhecimento e uma crescente interrelação entre campos afins; c) a elevação do nível médio de cultura em muitos países, pela escolarização; d) a difusão ideal democrático, que destaca a dignidade do homem e o estimula a prepara-se para assumir maiores obrigações para seu próprio bem estar; e) a transformação do conceito de biblioteca, para “casa de conhecimentos”, com missão educadora, guia e inspiração para todos (LITTON, 1975, p. 109).

Rocho (2007) afirma que o bibliotecário teve que buscar novos meios para manter as bibliotecas organizadas, devido à explosão informacional. Litton Gaston, autor consagrado desta época, diz que o bibliotecário é um profissional “[...] que é responsável pela gestão, conservação, organização e funcionamento de uma biblioteca, ou desempenha várias funções, tanto técnicas como administrativas.”¹⁷ (1973, p. 19, tradução nossa).

¹⁷ “[...] que tiene a su cargo la dirección, conservación, organización y funcionamiento de alguna biblioteca, ou que desempeña funciones diversas, tanto técnicas como administrativas.” (1973, p. 19).

O surgimento das Bibliotecas Públicas por volta de 1850 é de extrema importância para um novo perfil de bibliotecário. Almeida Júnior (2000) diz que esta biblioteca foi “fruto da ampliação das ideias da Revolução Francesa e das necessidades impostas pela Revolução Industrial, a educação passa a ser considerada como uma das mais importantes reivindicações”. (ALMEIDA JÚNIOR, 2000, p. 34). Este mesmo autor destaca que as bibliotecas públicas acompanhavam a ideia de uma biblioteca para a sociedade e mantida pelo Estado.

É neste tipo de instituição, que o bibliotecário começa a fazer o seu papel de disseminador da informação. Nesse momento, o bibliotecário passa a ser reconhecido e respeitado como um profissional fundamental para o desenvolvimento da sociedade, sendo seu dever, a organização, preservação e a disseminação da informação.

Segundo Almeida Júnior (2000), algumas sugestões são apresentadas com o intuito de administrar melhor as bibliotecas públicas. Algumas delas foram: a criação da CDD, regras para o Catálogo Dicionário, a disposição das estantes, e uma das mais importantes propostas foi a de um serviço exclusivo para o atendimento ao usuário, o Serviço de Referência. Portanto:

A relação do surgimento da biblioteca pública e, logo em seguida do Serviço de Referência, parece-me incontestável, porquanto o último é proposto como forma de sanar a falta de preocupação com o usuário, ou seja, com aquele que de fato faz uso da informação em potencial presente nos espaços da biblioteca. (ALMEIDA JÚNIOR, 2000, p. 34)

A biblioteca que antes era vista apenas como um local de preservação, com o surgimento da biblioteca pública, esse contexto muda, pois essa nova biblioteca é totalmente voltada para o usuário, disseminando a informação. E o bibliotecário fez parte dessa mudança, aquela marca erudita começa a desaparecer, cedendo espaço ao profissional cheio de técnicas, talvez deixando a profissão monótona, e não tendo o seu devido valor.

O bibliotecário passou a ser visto pela população como aquele que guarda os livros, e oferece o mesmo a quem os procura, e isso criou um estereótipo a esse profissional. Almeida Júnior diz que “a imagem que a

população possui do profissional bibliotecário reproduz a maneira com que a sociedade vê a profissão bibliotecária e carrega outras concepções presentes no imaginário destas”. (ALMEIDA JÚNIOR, 2000, p. 73).

Podemos dizer que na Antiguidade o bibliotecário era visto como sábio aquele que tem um elevado grau de inteligência, e do sexo masculino. Ao longo dos anos, a imagem desse profissional começa a desaparecer, dando espaço a uma profissão que está totalmente voltada para mulheres e a um fazer simplesmente técnico. (NASCIMENTO, 2009)

Talvez essa representação da figura do bibliotecário não seja apenas difundida pelos usuários ou pelos meios de comunicação, mas sim pelo próprio bibliotecário que diversas vezes passa essa imagem de antipático e acomodado, gerando uma imagem negativa, que Smit (1982) define como “[...] senhorita de óculos e birote, velhinha, com um dedo na frente da boca, pedindo silêncio.” (ROCHO, 2007).

Se pesquisarmos por imagens digitando o termo bibliotecário no site Google, temos um resultado que demonstra bem a imagem feminizada do profissional. Abaixo algumas imagens do resultado da busca:

Figura 8 – Bibliotecária 1



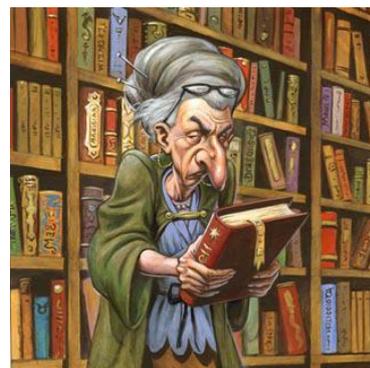
Figura 9 – Bibliotecária 2



Figura 10 – Bibliotecária 3



Figura 11 – Bibliotecária 4



Não se sabe ao certo quando a profissão passou a ter uma representação feminina, diante desse fato Nascimento (2009) mostra em seu trabalho que alguns autores argumentam sobre o porquê da profissão ter se associado ao feminino, mas não existem muitos estudos sobre este assunto. Ela destaca uma citação de Martucci (1996) que discorre sobre como a professora pode ter influenciado a profissão a ter esse estereótipo¹⁸:

A bibliotecária foi encarada como uma professora informal, que exercia sua função de educadora fora do espaço formalizado do ensino, ocorrendo um deslocamento físico da sala de aula para a biblioteca. Era preciso deslocar uma professora para funções de reunião, organização, armazenamento, preservação e orientação do uso de materiais impressos diversificados, necessários ao enriquecimento do ensino, em um espaço apropriado para o estudo e pesquisa. (MARTUCCI, 1996, p. 233).

Neste mesmo trabalho, Nascimento demonstra outro fator explicado por Walter e Batista (2007), que tentam entender o fato de ter tantas mulheres nesta carreira:

Historicamente, as mulheres são associadas a profissões que não são competitivas, não exigem esforço intelectual, cujo exercício demanda comportamentos e atitudes relacionadas àquelas das donas de casa, como, por exemplo, ordem, asseio e servir pessoas, entre outras; As mulheres, no Brasil, segundo dados constantemente divulgados pela imprensa, percebem menores remunerações que os homens, nas mesmas posições; Das mulheres espera-se, normalmente, comportamentos dóceis e delicados e qualquer atitude mais assertiva é considerada agressividade e pode ser associada ao fato de ser 'solteirona' e recalcada, enquanto que aos homens

¹⁸ Imagem preconcebida de determinada pessoa, coisa ou situação.

essa maior agressividade é associada a um comportamento positivo e de personalidade forte [sic] (WALTER; BAPTISTA, 2007, p. 32).

Hoje em dia, o bibliotecário ainda sofre com esse rótulo que foi dado a este profissional. Além de taxar a profissão como feminina, muitos desconhecem a carreira na área da Biblioteconomia. E isso tem gerado certo preconceito, e um deboche sobre o trabalho na área. Talvez isso também seja “culpa” do profissional, pois, às vezes o próprio aluno de Biblioteconomia ao entrar para a universidade, desconhece esse ambiente.

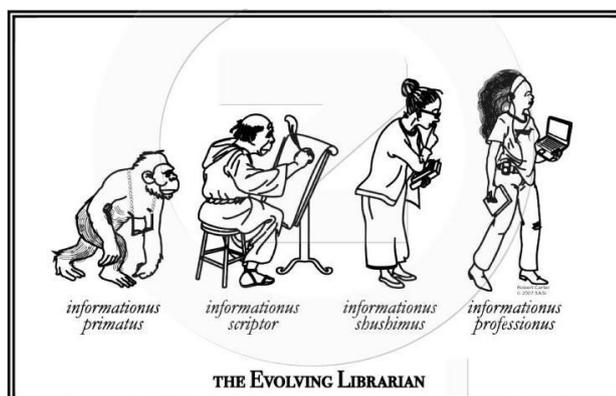
Podemos então entender que o bibliotecário ao longo do tempo foi se modificando de acordo com a época e os fatos que nela ocorriam. E todas essas mudanças ocorreram para que se evoluísse nas questões de organização, disseminação, recuperação e preservação do conhecimento. O quadro abaixo foi baseado no trabalho de Nascimento (2009), e demonstra algumas características da evolução do bibliotecário:

Quadro 1 – Características da evolução do bibliotecário.

Época	Características
Antiguidade	Eram pensadores ou sacerdotes, tinham alto cargo na sociedade. Suas atividades eram sagradas, e eram fortes influentes no poder político.
Idade Média	Os guardiões da informação, os monges e sacerdotes tinham o controle dos livros. Os principais objetivos eram a ordem e a preservação. A partir disso, a Igreja tinha uma forte influencia sobre sociedade.
Renascimento	Começa a ser de bastante importância para a sociedade. Surgem às primeiras escolas de Biblioteconomia, a École Nationale das Chartes na França, está humanista, formando um bibliotecário ligado a cultura e as artes. A School of Library Economy, voltada para a atividade de tratamento e organização do documento, está com caráter tecnicista. Formando um profissional moderno.

Atual	Tecnicista, mas com características humanistas. Este profissional e conhecedor das novas tecnologias e dos suportes informacionais. Gestor e gerenciador de informações.
--------------	--

Figura 12 – Evolução do Bibliotecário



Fonte: <https://biblio20.files.wordpress.com/2009/06/capa1.jpg> (2016).

4.3 BIBLIOTECÁRIO/PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO HOJE

Uma definição muito atual sobre o trabalho do bibliotecário encontra-se no site Guia do Estudante. Ele discorre que “O bibliotecário domina técnicas de classificação, organização, conservação e divulgação do acervo de bibliotecas ou centros de documentação.” E que “este profissional trabalha como um administrador de dados, que processa e divulga a informação”.

Hoje o bibliotecário é reconhecido como profissional que atua como agente mediador entre a informação e quem a busca. Este profissional desenvolve atividades de organização, tratamento, análise e recuperação de informações, em diversos meios de suporte, sejam eles físicos, por meios manuais e automatizados. Este profissional trabalha diretamente ligado a informação, não mais ao suporte em que ela esta registrada.

Segundo Rocho (2007):

A sociedade vem passando por profundas transformações de ordem política, econômica, social e, principalmente, tecnológica. Nesta nova sociedade a informação desempenha um papel cada vez mais importante para o desenvolvimento científico e tecnológico e observa-se uma quebra de paradigma, tendo como pontos focais a globalização e as novas tecnologias de informação e comunicação, que provocaram profundas mudanças nos hábitos das pessoas.

O usuário agora é o foco deste profissional, pois, antes o que era sua principal tarefa era cuidar e manter o acervo. A disseminação da informação passa a ter mais valor do que a preservação. “A grande mudança paradigmática para o profissional da informação é a mudança do paradigma do acervo para o paradigma da informação” (VALENTIM, 1995, p.4).

O bibliotecário teve que mudar seus conceitos e assumir um novo papel nesta nova fase da biblioteconomia, mas não só ele, a biblioteca também teve que se adaptar a essas mudanças.

Foi-se o tempo em que a biblioteca se parecia com um museu e o bibliotecário era o catador de ratos entre os livros embalados dos [sic] e os visitantes olhavam com olhos curiosos todos os tomos e manuscritos antigos. Agora a biblioteca é como uma escola, e os bibliotecários são no mais alto sentido, um professor, e o visitante é um leitor entre livros como um trabalhador entre suas ferramentas. (COELHO NETO, 1996, p. 6).

Valentim (2000, p. 136) cita como um exemplo à história da biblioteconomia brasileira na regulamentação da profissão, na década de sessenta, onde o objetivo do trabalho era centrado no livro, portanto no acervo. “Naquela época o acervo era norteador de todos os procedimentos, métodos e técnicas da área: como armazenamento, tratamento, organização, disseminação, gestão etc.” (VALENTIM, 2000, p. 136). Sendo assim, a formação destes profissionais se apoiava no padrão, que era o acervo.

Com a modernização do mercado da informação, foi necessário repensar nos atributos que por muito tempo definiram o papel do bibliotecário, e uma das mudanças foi construir um novo perfil de atuação. Houve a necessidade de modificar uma área que se preocupava em

satisfazer as necessidades do homem através da prática de preservação, organização e da propagação do escrito em uma profissão que participa de todas as fases do ciclo informacional. (SILVEIRA, 2008). Portanto o moderno profissional da informação passa a ser definido como:

Todos aqueles que estão vinculados profissional e intensivamente em qualquer etapa do ciclo vital da informação e, portanto, devendo ser capaz de operar eficiente e eficazmente todas as etapas relativas ao manejo da informação em organizações de qualquer tipo ou em unidades, especializadas de informação. (PONJUÁN DANTE, 2000, p. 93).

Com essa definição acima, podemos perceber que o moderno profissional da informação agora trabalha com diversos formatos de informação, e o bibliotecário humanista da Antiguidade apenas com um único modo. Diante deste fato o moderno profissional da informação uniu as funções tradicionais rotineiras de uma biblioteca com o uso das novas tecnologias informacionais, incorporando-as em novos procedimentos administrativos. (SILVEIRA, 2008).

Devido às mudanças que ocorreram no formato de trabalho deste profissional, o bibliotecário teve que adotar a tecnologia como um novo recurso. Nascimento (2009) afirma que isso muda a imagem deste profissional, deixando-a “mais dinâmica ao ver das outras profissões”, citando Cunha (2000, p. 160) que diz:

Como bibliotecários, fazemos parte de um grupo cada vez mais diversificados de profissionais que lidam com a informação, entre eles os arquivistas, documentalistas, os gerentes de base de dados, os consultores da informação, os profissionais da informação, entre outros, e ainda, porque o trato com a informação na sociedade contemporânea requer a atuação de profissionais com uma grande variedade de competências.

Com as novas tecnologias disseminando as informações de modo instantâneo, passou-se a exigir do profissional, conhecimentos específicos da área e outras habilidades, para que se pudesse trabalhar com os novos suportes em que se encontra a informação. (SANTOS, 2000, p. 107).

Algumas novas denominações para a prática do bibliotecário, no nível empresarial, trouxeram termos como gestores ou profissionais da informação, e sua área de atuação “deixou de ser chamada de biblioteconomia para ser ciência da informação.” (REZENDE, 2002, p. 82 *apud* LOUREIRO; JANNUZZI, 2005).

A Ciência da Informação é uma disciplina que surgiu na década de 1950, e conversa com as áreas da comunicação, informática, administração, psicologia entre várias outras. “O profissional da informação deve estar ciente dessa interdisciplinaridade e perceber a importância disso para o entendimento da Ciência da Informação”. (VALENTIM, 2000).

O termo “profissional da informação” é muito discutido no campo da CI, e tem gerado algumas questões e divergências em relação ao perfil do profissional e na compreensão de quem é, e o que faz este profissional. “O problema não se refere apenas a diferenças de nomenclatura, mas sim ao reconhecimento social do profissional e a identificação da área científica de sua formação”. (RIBEIRO, 2004 *apud* BRESSANE; CUNHA 2011).

Almeida Júnior (2000, p. 42), aborda dois aspectos sobre este termo. O primeiro ele destaca que a ideia de profissional da informação, não especifica o bibliotecário, mas sim vários profissionais que lidam com a informação em seus vários suportes. Já o segundo aspecto, ele mostra certa tendência a dividir entre o antigo e o moderno bibliotecário, e isso acontece quando o profissional é exclusivamente bibliotecário. Ou seja, ou você é considerado bibliotecário ou profissional da informação.

[...] a ideia é considerar o profissional que atua em bibliotecas escolares e bibliotecas públicas como o *bibliotecário*, ou seja, ultrapassado, antigo, que demanda uma formação mais simples e que possui uma função social equivalente à que possui o espaço ao qual a biblioteca está vinculada, isto é, a educação e cultura. Por outro lado (e antagonicamente), o profissional da informação é o que atua nas bibliotecas especializadas, nos centros de informação, nas empresas, nos órgãos de pesquisa. Este profissional é identificado como “moderno”, com as novas tecnologias, com aquele que precisa de uma formação mais complexa e cuja função social está relacionada a setores produtivos, evidentemente muito mais importantes dentro de um sistema capitalista. (ALMEIDA JÚNIOR, 2000, p. 43).

Para Almeida Júnior (2000, p. 32), o termo “profissional da informação” é “uma designação não específica do bibliotecário, mas que abrange um grupo de profissionais que atuam tendo como base a informação”. Já Valentim (2000, p.139) discorre sobre este profissional tendo um papel de “processador e filtrador da informação”, portanto deve fazer esse papel “de forma coerente e eficiente, voltado para o usuário/cliente.”.

Embora a biblioteca tenha se erguido historicamente como instituição responsável pela preservação, organização e disseminação das informações concebidas pelos longos anos de cultura da humanidade, o bibliotecário ficou definido como profissional encarregado de concretizar estas funções. E neste novo cenário, o que se pode ressaltar é a gestão de sistemas e suportes informacionais, para atender as novas demandas que surgem a todo o momento. (SILVEIRA, 2008).

Diante de todos esses argumentos, vemos que muitas vezes o termo bibliotecário limita a atuação desse especialista no âmbito das bibliotecas, na visão de algumas pessoas. Já o termo profissional da informação é mais amplo, e engloba outros trabalhadores da informação, e isso dificulta o profissional de ter uma identidade.

O profissional da informação atualmente não exerce o seu trabalho apenas nas instituições como bibliotecas e arquivos, ou seja, em instituições com características informativas. O limite das paredes da biblioteca e suas práticas de organização e preservação sempre destinadas ao material bibliográfico, e este material quase sempre sendo o livro, cede lugar a uma imensidão de ambientes, que ele pode atuar isso devido ao uso de Redes que interligam usuários do mundo todo e dos diferentes suportes que se encontram hoje os documentos. (ROCHO, 2007).

Santos (2000, p. 107) destaca que, com o desenvolvimento das tecnologias da informação, o que antes ficava preso entre as paredes das bibliotecas com o desenvolvimento as informações são disponibilizadas de modo quase instantâneo, é isso foi uma das razões que se usou para que o

profissional além de ter conhecimentos específicos da área, deveria ter “conhecimentos e habilidades para a gerência de informações em suportes e locais diversificados”. Ou seja, este profissional deveria dominar suportes diferentes e ter o domínio da tecnologia.

Portanto, hoje o ambiente de trabalho desse profissional, exige que ele seja dinâmico, desenvolva parcerias, globalize a informação, organize e recupere a informação para o seu uso. (TARAPANOFF, 1997 *apud* ROCHO, 2007).

Existem muitas divergências e concordâncias entre os autores da área sobre as habilidades e competências do profissional da informação. O conhecimento de fontes de informação e da administração das tecnologias de informação e de *marketing* entre outros meios são conhecimentos exigidos para este profissional. (PEGORARO, 2001 *apud* LOUREIRO; JANNUZZI, 2005).

Silveira (2008) define algumas competências e habilidades que este profissional passou a ter para trabalhar neste mercado de trabalho. Algumas delas são: “conhecer e utilizar as tecnologias da informação, e organizar o conhecimento por meio de ferramentas adequadas”.

Ao analisarmos o conjunto de competências e habilidades podemos perceber que a atuação do profissional bibliotecário não se distancia daquelas características que construiu a imagem do bibliotecário. Sendo parte desse trabalho as atividades de preservação, organização e disseminação dos documentos.

Com a mudança do perfil do bibliotecário, surgem novos ambientes de trabalho. Valentim (2000, p. 141), diz que se pode dividir em três grandes grupos o mercado de trabalho do profissional bibliotecário, sendo eles: mercado informacional tradicional; mercado informacional existente não-ocupados; e o mercado informacional. O primeiro grupo seria composto por bibliotecas públicas escolares, universitárias, especializadas e centros culturais. O segundo grupo de mercado de trabalho seriam as editoras, livrarias e empresas privadas. E o terceiro grupo, onde ela destaca “[...]”

existe um imenso e crescente mercado de trabalho para o profissional da informação”. Esta mesma autora discorre que para o profissional da informação atuar com qualidade, algumas questões devem ser revistas: a) remodelagem da unidade de informação; b) capacitação contínua dos profissionais da informação; c) clareza quanto à vocação da unidade de trabalho; d) visualização da unidade de trabalho, sempre buscando o melhor. (VALENTIM, 2000, p. 150).

Se antes do avanço da modernidade, as atividades se limitavam apenas no ambiente da biblioteca, com o aumento do uso das tecnologias da informação e da comunicação, houve a necessidade de renovar as atividades que caracterizou o perfil deste profissional. Sendo capaz de se comunicar com todas as etapas do ciclo informacional, este profissional demonstra estar consciente do seu papel no desenvolvimento social e cultural de toda uma coletividade. (SILVEIRA, 2008). Podemos dizer que as tecnologias da informação foram o grande fator para traçar o novo perfil do bibliotecário.

Diante dessas mudanças, vários estudos foram realizados com a intenção de revisar os métodos que definem a formação acadêmica dos bibliotecários. Segundo Silveira (2008) definir as habilidades e competências do profissional não é o problema, mas sim “definir propostas curriculares que revigorem, e os modelos de ensino-aprendizagem que definiram a Biblioteconomia como campo do conhecimento.”.

Portanto o profissional da informação deve ser capaz de trabalhar com a informação em qualquer área da Ciência da Informação, se adequando ao mercado de trabalho e sempre aperfeiçoando suas habilidades e seu currículo, para que sua atividade seja sempre reconhecida, e para melhor atender o usuário. Seguindo todas essas referências estes profissionais estarão capacitados para o novo ambiente da informação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo deste trabalho era compreender a evolução e transformações do profissional bibliotecário ao longo dos séculos, desde guardião do saber até os dias de hoje como profissional da informação, evidenciando os tipos de bibliotecas que foram determinantes para a construção do perfil desse profissional.

Essa pessoa que cuida de todo o conhecimento começou a aparecer na Antiguidade, com os pensadores que organizavam as grandes tábuas de argila em pequenas salas disponibilizadas pelos reis. E ao longo do tempo o desejo desses nobres de ter cada vez mais conhecimento e informações, fez com que houvesse uma evolução, mesmo que gradativamente, durante os séculos, dos métodos de escrita, do suporte utilizado para se registrar o conhecimento, e não menos importante, do papel dos homens que cuidavam desses registros.

Diante de todo esse processo podemos destacar os pensadores da Antiguidade e os monges da Idade Média, que começaram a traçar o perfil da profissão do bibliotecário. Os dois exemplos citados, mostram que o bibliotecário começou como um guardião de todo o conhecimento, pois apenas aqueles com maiores posses e influentes da sociedade poderiam conhecer o que estava escrito nos misteriosos rolos de papiro e pergaminho.

Ao analisarmos este período, podemos concluir que os bibliotecários, ou seja, aqueles que desenvolviam esta função estavam preservando as informações daqueles que não tinham permissão nem para entrar no ambiente em que estavam guardadas as obras. Portanto, o bibliotecário dessa época era somente o guardião do conhecimento.

Esse perfil de guardião só começa a ser superado com a criação das bibliotecas universitárias. No início ainda podemos encontrar traços desse caráter, mas alguns anos depois, este perfil desaparece por inteiro dando lugar a um novo bibliotecário, aquele que está focado na mediação do conhecimento.

Esse novo papel do bibliotecário se desenvolve devido a grande produção de informações que se apresenta no período do Renascimento. Essa explosão do conhecimento traz novas necessidades de organização, preservação, e é este profissional que é indicado para esse tipo de trabalho.

Com toda a evolução que se deu durante esses últimos anos, o profissional teve que modificar o seu perfil novamente. As novas tecnologias e meios de comunicação fizeram que com que o profissional se adequasse a esse novo ambiente. O bibliotecário passou a ser conhecido também pelo termo *profissional da informação*, pois, segundo alguns autores, o termo se adapta melhor a esse novo momento da profissão.

O profissional da informação é o novo bibliotecário, aquele que está a par de todo âmbito tecnológico e das novas ferramentas de trabalho, mas também conhece todas as práticas ensinadas no curso de formação, esse é um dos atuais conceitos sobre este profissional.

Sabemos que a profissão de bibliotecário ainda não é tão difundida, e reconhecida como outras, isso devido a um pré-conceito que se estabeleceu sobre este profissional. Este cenário deve ser mudado. O bibliotecário deve mudar sua postura, mostrando que esta profissão não é apenas uma figura estereotipada da sociedade, e deve-se ampliar o quadro desses profissionais no mercado de trabalho.

Sendo assim, mostrou-se que o perfil do bibliotecário transformou-se aos longos dos tempos, deixando de ser apenas o guardião do conhecimento, para se tornar o profissional da informação, em que a disseminação da informação é o seu foco.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Profissional da Informação: entre o espírito e a produção. In: VALENTIM, M.P. (Org.). O profissional da informação: formação, perfil e atuação profissional. São Paulo: Pólis, 2000. p. 31-51.

AMAN, M. M. The new bibliotheca Alexandrina: a link in the historical chain of cultural continuity. 2001. Disponível em: eric.ed.gov/?id=ED330358 Acesso em: 10 mai. 2016.

AMORIM, M. J. As contribuições de Gabriel Naudé para a sociedade no século XVII e os reflexos dessas contribuições para a biblioteconomia no século XXI. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

ANZOLINA, H. H.; CORRÊA, R. L. T. Biblioteca universitária como mediadora na produção de conhecimento. Rev. Diálogo Educ. Curitiba, v. 8, n. 25, p. 801-817, 2008. Disponível em: www2.pucpr.br/reol/index.php/dialogo?dd99=pdf&dd1=2448 Acesso em: 7 jun. 2016.

ARRUDA, G. M. AS PRÁTICAS DA BIBLIOTECA PÚBLICA A PARTIR DAS SUAS QUATRO FUNÇÕES BÁSICAS. 2009. Disponível em: <https://bibliotecaproduz.files.wordpress.com/2009/06/as-praticas-da-biblioteca-publica-katty.pdf> Acesso em: 19 ago. 2016.

BARATIN, M.; JACOB, C. O poder das bibliotecas: a memória dos livros do Ocidente. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. 352p.

BARROS, M. A eterna crise de identidade dos bibliotecários. Disponível em: <https://bsf.org.br/> Acesso em: 18 jul. 2016.

BATTLES, M. A conturbada historia das bibliotecas. São Paulo: Planeta, 2003.

BIBLIOTECÁRIO. In: Dicionário Priberam. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/Default.aspx> Acesso em: 7 jun. 2016.

BOTTENTUIT, A.; CASTRO, C. Movimento fundador da biblioteconomia no Maranhão. São Luis: UFMA, 2000. 118p.

BRESSANE, J. M.; CUNHA, M. Vi. da. A profissão de bibliotecário: competências demandadas por um mercado em transformação .Rev. Interam. Bibliot. Medellín (Colômbia) v. 34, n.3, p. 329-333, 2011. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/17062/> Acesso em: 25 jun. 2016.

BURKE, P. Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CANFORA, L. A biblioteca desaparecida: histórias da biblioteca de Alexandria. 1996.

CARVALHO, I. C. L. A socialização do conhecimento no espaço das bibliotecas universitárias. Rio de Janeiro: Interciência, 2004.

CASTRO, C. A. Biblioteca como lugar de memória e eco de conhecimento: um olhar sobre "O nome da rosa". Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, v. 4, n. esp., p.1-20, 2006.

COELHO NETO, J. T. Do paradigma do acervo para o paradigma da informação. 1996. Disponível em: http://www.ofaj.com.br/disciplinas_conteudo.php?cod=27 Acesso em: 25 jun. 2016.

DZIESLKA, M. Hipatia de Alexandria. Portugal, 2009.

ECO, U. O nome da rosa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

FLOWER, D. A. Biblioteca de Alexandria. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

FONSECA, E. N. A biblioteconomia brasileira no contexto mundial. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979. 112p.

FONSECA, E. N. Introdução à Biblioteconomia. São Paulo: Pioneira, 1992. 145p.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1994.

GUIMARÃES, J. A. C. Moderno profissional da informação: elementos para sua formação no Brasil. Transinformação, v. 9, n. 1, p. 124-137, 1997. Disponível em: <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/1597> Acesso em: 25 mai. 2016.

HOUAISS, Antônio. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JACOB, C.; BARATIM, M. O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. 352p.

LOUREIRO, M. F; JANNUZZI, P. M. Profissional da informação: um conceito em construção. Transinformação, Campinas, 2005. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-37862005000200003 Acesso em: 25 mai. 2016.

LIMA, P. A. S. et al. O trabalho do bibliotecário e seu caráter educativo. 2007 In: HOLANDA, C.; NASCIMENTO A. Bibliotecário: gestor das Unidades de Informação. 2010. Disponível em: <http://rabci.org/rabci/node/127> Acesso em: 10 mai. 2016.

LITTON, G. Arte e Ciência da Biblioteconomia. São Paulo: Mcggraw-hill do Brasil, 1975. 205p.

MAROTO, L. H. Biblioteca Escolar, eis a questão! Do espaço do castigo ao centro do fazer educativo. Belo Horizonte, 2009.

MARTINS, W. A Palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca. São Paulo: Anhembi, 1957.

MARTUCCI, E. M. A feminização e a profissionalização do magistério e da biblioteconomia: uma aproximação. Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v.1, n.2, p.225-244, jul./dez.,1996.

MEY, E. S. A. Introdução à catalogação. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1995. 123p.

MEY, E. S. A. Bibliotheca Alexandrina. Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, v.1, n.2, p. 71-91, jan-jun. 2004.

MILANESI, L. Biblioteca. São Paulo: Ateliê, 2002.

MILANESI, L. A formação do informador. Informação & Informação, Londrina, v. 7, n. 1, p. 07-40, jan/ jun. 2002. Disponível em: www.uel.br Acesso em: 10 mai. 2016.

MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2007.

NASCIMENTO, A. C. G. A imagem do profissional de biblioteconomia perante a população da região metropolitana do Recife. 83 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

OLIVEIRA, José Teixeira. A fascinante história do livro: Grécia e Roma. Belo Horizonte: Villa Rica, 1993. V.4.

ORTEGA Y GASSET, J. Missão do bibliotecário. Brasília: Briquet de Lemos, 2006.

PEGORARO, E. F. O profissional de informação do século XXI: um referencial de conhecimentos, competências e habilidades necessárias para sua atuação. 2001. 96p. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia e Ciência da Informação) – Mestrado Interinstitucional PUCCAMP/UFPR, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2001.

PFEIFFER, R. Callimachus. Oxford, 1949.

REZENDE, Y. Informação para negócios: os novos agentes do conhecimento e a gestão do capital intelectual. Ciência da Informação, Brasília, v. 31, n. 1, p. 75-83, 2002.

RIBEIRO, F. Informação: um campo uno, profissões diversas? In: Anais do Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, 8, Estoril, 2004. Lisboa: Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, 2004. Disponível em: ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo4181.pdf Acesso em: 25 jul. 2016.

ROCHO, R. de M. O estereótipo do Bibliotecário no Cinema. 2007. 98 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

RODRIGUES, M. E. F. et al. A biblioteca e o bibliotecário no imaginário popular. *Biblionline*, João Pessoa, v. 9, n.1, p.82-95, 2013. Disponível em: periodicos.ufpb.br/index.php/biblio/article/download/15097/9599 Acesso em: 25 jul.2016

SANTA-ANNA, J. Trajetoria histórica das bibliotecas e o desenvolvimento dos serviços bibliotecários: da guarda informacional ao acesso. *Rev. Digit. Biblioteconomia e Ciencia da Informação*, Campinas, SP, v. 13, n. 1, p. 138-155, jan/abr. 2015. Disponível em: www.sbu.unicamp.br Acesso: 10 mai. 2016

SANTOS, J. M. O processo histórico evolutivo das bibliotecas da Antiguidade ao Renascimento. *Rev. Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 175-189, jul./dez. 2012. Disponível em: www.brapci.ufpr.br/brapci/_repositorio/2015/.../pdf_ab27d79df9_0000012262.pdf Acesso em: 10 mai. 2016.

SANTOS, J. P. O perfil do profissional bibliotecário. In: VALENTIM, M. L. P. (Org.). *Profissionais da informação: formação, perfil e atuação profissional*. São Paulo: Pólis, 2000, p. 107-117.

SILVA, E. R. As bibliotecas como espaço de preservação da memória da humanidade: passado, presente e futuro das unidades de informação. 2013.

SILVEIRA, N. F. Evolução das bibliotecas Universitárias: information commons. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, Florianópolis, v.19, n.1, p. 69-76, jan./jun., 2014. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/923> Acesso em: 25 mai. 2016.

SILVEIRA, F. J. N. da. O bibliotecário como agente histórico: do “humanista” ao “moderno profissional da informação”. *Inf. & Soc.: Est.*, João Pessoa, v. 18, n. 3, p. 83-94, set/dez. 2008.

SMIT, J. W. *Análise documentaria: breve histórico*. [S. l.: s. n.], 1996. 12p.

SOUZA, C. M. de. *Biblioteca: uma trajetória*. In: CONGRESSO DE BIBLIOTECONOMIA, 3., 2005. Rio de Janeiro.

TARAPANOFF, K. *Perfil do profissional da informação no Brasil*. Brasília: IEL/DF, 1997.

VALENTIM, M.L.P. Assumindo um novo paradigma na Biblioteconomia. *Informação & Informação*, Londrina, v. 0, n. 0, p. 2-6, jul./dez. 1995.

VALENTIM, M.L.P. (Org.) *Profissionais da Informação: formação, perfil e atuação profissional*. São Paulo: Pólis, 2000. 156p.

VIANA, M. M. M. A informação e a biblioteca universitária. 2013. Disponível em: <http://www.slideshare.net/miquemv/ss-a-informao-e-a-biblioteca-universitria>
Acesso em: 7 jun. 2016.

WALTER, M. T. T.; BAPTISTA, S. G. A força dos estereótipos na construção da imagem profissional dos bibliotecários. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v. 17, n. 3, p. 27-38, 2007. Disponível em: <http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/962/1583>. Acesso em: 27 jun. 2016.

WIKIPEDIA. Bibliotecário. [2016?]. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Bibliotec%C3%A1rio> Acesso em: 15 jul. 2016.